

DISCURSO E HISTÓRIA. O BANDEIRANTE: HERÓI OU VILÃO?

Diana Luz Pessoa de Barros*

1. Considerações iniciais

Este trabalho faz parte de uma investigação mais ampla sobre Discurso e História. Estão sendo examinados livros de História do Brasil, do 1º Grau, com o objetivo principal de verificar como os textos utilizados na escola constróem discursivamente o imaginário nacional ou, ao menos, parte dele, qual seja, a nossa visão de História.

A perspectiva teórica é a da Semiótica da narrativa e do discurso.

Em trabalhos anteriores, examinamos as noções de colônia e metrópole, fabricadas nos textos sobre o "descobrimento" e a colonização do Brasil, e a construção discursiva dos heróis nacionais, a partir dos textos sobre Tiradentes e Pedro I.

Neste trabalho, verificaremos como o discurso da História do Brasil na escola constrói o bandeirante, herói paulista e antepassado do "povo de São Paulo".

Partimos de algumas reflexões e de resultados desses trabalhos anteriores. Do primeiro, sobre metrópole e colônia, retomamos um ponto, qual seja, o da presença nesses textos, no nível discursivo, de ao menos duas vozes distintas que se manifestam de posições ideológicas diferentes ou em formações discursivas diversas, uma que define colonização como desbravamento e introdução de civilização e de cultura, outra que a vê como dominação e exploração. Essas diferenças diluem-se aparentemente nos textos, mascara-se a polêmica instalada já no interior de um único termo e os valores opostos são concebidos de modo complementar. A polifonia da colonização (civilização/cultura vs exploração, dominação) está presente nos textos sobre o bandeirante.

Do segundo trabalho, sobre os heróis nacionais, retomamos a organização tipológica provisória desses heróis, em dois grupos, com características comuns e traços diferenciais:

* USP - FFLCH

- a- características comuns: os heróis são sujeitos da ação e não destinadores, ou seja, agem, mas não tomam decisões, pois outros decidem por eles; os heróis realizam ações verbais ou linguísticas (Tiradentes prega, Pedro I cumpre, com frases de efeito, atos ilocutórios); os heróis são, em algum momento, reconhecidos como heróis;
- b- diferenças: há dois tipos de heróis, os santos ou loucos como Tiradentes, de um lado, e os fortes e poderosos, como Pedro I, de outro. Distinguem-se pela virtualidade de competência dos santos ou loucos (são bem intencionados, querem fazer) ao contrário da atualidade da competência dos fortes e poderosos (que podem fazer); pela continuidade ou iteratividade aspectual da ação (ação rotineira do dia-a-dia) dos santos ou loucos, em oposição à descontinuidade pontual da ação extraordinária dos heróis fortes; pelas paixões da benevolência, da generosidade, do despreendimento, da resignação e da conformação dos heróis santos e loucos, e pelas paixões tensas da malevolência (irritação, raiva, ódio) que leva à revolta e à vingança, nos heróis fortes; pela produção das frases de efeito nos heróis poderosos, ao contrário das ações verbais rotineiras dos santos ou loucos; pela violenta sanção negativa (em geral a morte), que sofrem os heróis santos ou loucos, enquanto os heróis poderosos são reconhecidos como heróis e recompensados em sua época.

Sobre a teoria, lembramos apenas que a Teoria Semiótica propõe que se examinem os textos em três níveis de organização:

- a) nível das estruturas fundamentais, em que se estabelecem as relações semânticas partir das quais os textos se produzem;
- b) nível das estruturas narrativas, entendidas como o simulacro das relações entre o homem e o mundo e entre o homem e os outros homens;
- c) nível das estruturas discursivas, em que se observam os procedimentos e estratégias empregados pela enunciação para fazer da narrativa um discurso.

Neste estudo, apresentam-se apenas alguns aspectos da organização narrativa e discursiva dos textos analisados.

O bandeirante pertence, como Pedro I, ao grupo dos heróis poderosos, embora se diferencie do imperador em muitos aspectos.

2 - A ação do bandeirante

A semiótica distingue dois tipos de relações actanciais: as relações entre Destinator e Destinatário e as relações entre Sujeito e Objeto. O Destinator

estabelece as regras, determina os valores em jogo, manipula o Destinatário, levando-o à ação, e julga a ação do Sujeito e seus resultados. O Sujeito age e transforma estados ou situações.

Nos trabalhos anteriores, apontamos o fato de que os heróis Pedro I e Tiradentes cumprem os papéis de sujeito, pois agem, mas não tomam decisões.

Da mesma forma, o bandeirante é sujeito da ação e não destinador. Os textos indicam três tipos de ações do bandeirante: o apresamento dos índios; a busca de ouro e de pedras preciosas; o combate a índios revoltados, a negros fugidos e a invasores. As expedições de captura de índios eram financiadas pelos grandes proprietários de terra e pelos comerciantes paulistas; as de busca de ouro recebiam o incentivo do governo português, que oferecia ao bandeirante ajuda financeira e títulos de nobreza; o terceiro tipo de expedição, a de sertanismo de contrato, era paga por governadores de capitanias e fazendeiros nordestinos, que contratavam o bandeirante para que combatesse índios, negros e invasores estrangeiros.

Em outras palavras, os proprietários de terra, os fazendeiros, os comerciantes, o governo português e os governadores das capitanias são os destinadores que manipulam o bandeirante, sobretudo por tentação, oferecendo-lhe vantagens materiais e títulos de nobreza, e que o instalam como um sujeito virtual de ação.

Apontamos ainda que Pedro I e Tiradentes realizaram ações verbais diferenciadas aspectualmente pela continuidade rotineira da pregação de Tiradentes e pela descontinuidade ou pontualidade dos atos performativos de Pedro I (proclamação da Independência, declaração do Dia do Fico).

O bandeirante, por sua vez, não realiza atos performativos, no sentido restrito do termo, como se esperaria de um herói poderoso. Ele não fala nos textos, mas sua ação aparece como um ato de linguagem visual. Os textos examinados mostram a ação do bandeirante por meio da comparação de mapas do país: um, que apresenta o país antes, e outro, após a ação do bandeirante, a quem atribuem assim o novo traçado, o novo desenho do Brasil. Essa ação não é estritamente pontual, nem estritamente contínua. Tem a duração da repetição, da iteração, devida principalmente a uma das características fundamentais da definição desse subtipo de herói poderoso, qual seja, seu caráter de actante coletivo.

3 - O heróis coletivos.

O bandeirante diferencia-se dos demais heróis examinados por ser um actante coletivo. *"Diz-se que um actante é coletivo quando, a partir de uma*

coleção de atores individuais, acha-se dotado de uma competência modal comum e/ou de um fazer comum a todos os atores que subsume" (Greimas e Courtés, Dicionário de Semiótica, s/d (1979), p. 55). O caráter de actante coletivo é, sem dúvida, um dos traços constitutivos dos heróis regionais, cujas qualidades foram ou deveriam ter sido herdadas por seus descendentes, no caso do bandeirante, o povo de São Paulo.

Os textos acentuam o fato de o aparecimento do bandeirante dever-se à situação "peculiar", do ponto de vista econômico e geográfico, da capitania de São Vicente. Em que consistiam as peculiaridades dos paulistas?. Na pobreza da capitania, a mais miserável do Brasil, devida sobretudo à pouca extensão de terra na faixa litorânea, limitada pela Serra do Mar, e à má qualidade da terra para a cana; na distância dos países europeus; na necessidade crescente de escravos, pois os paulistas não podiam comprar escravos negros, muito caros; no isolamento de São Paulo, por causa da Serra do Mar; nos rios que correm para o interior e não para o mar, entre outras. As causas econômicas - pobreza e necessidade de escravos - e as vantagens materiais e os títulos de nobreza já mencionados definem o bandeirante como um sujeito virtual, que quer e deve fazer. As condições geográficas - a localização de São Paulo na "porta" do sertão e os rios que correm para o interior - atribuem-lhe o poder-fazer. Observe-se porém que o bandeirante é apresentado desde o início da narrativa como um sujeito do poder e mesmo do saber fazer.

Assim definidas a ação e a competência do bandeirante, uma ressalva deve ser feita: as características apontadas aplicam-se bem ao bandeirante que "caça" índio ou ao sertanista, mas nem sempre convêm àquele que busca esmeraldas ou ouro. Tal herói aproxima-se, em certos aspectos, - visionário, malsucedido - dos heróis santos ou loucos.

A propósito ainda do actante coletivo, os textos estudados apresentam, em geral, o actante coletivo e alguns dos atores individuais, cujas características permitem compor o bandeirante, tais como Antônio Raposo Tavares, Manuel Preto, Manuel Borba Gato, Fernão Dias Paes, Domingos Jorge Velho.

Os bandeirante "de contrato" (Domingos Jorge Velho) e os "caçadores" de índios (Raposo Tavares e Manuel Preto) definem-se principalmente pelo traço aspectual do excesso. A determinação aspectual do ator decorre da quantificação de suas qualidades e realizações pelas categoria do excesso e da insuficiência. O bandeirante é excessivo: Raposo Tavares destruiu missões indígenas com crueldade, escravizou centenas de milhares de índios, percorreu a maior extensão do território brasileiro e praticamente estabeleceu seus limites atuais; Domingos Jorge Velho acabou com os índios janduis no Rio Grande do Norte e destruiu o Quilombo de Palmares.

Os bandeirantes do ciclo da busca de ouro e pedras preciosas também se definem pelo excesso, mas alguns deles, tal como Fernão Dias Paes, o "caçador

de esmeraldas", incorporam características do herói louco ou visionário e, sobretudo, perseverante.

O excesso e a perseverança são os dois traços aspectuais que, a partir dos atores individuais, compõem o actante coletivo bandeirante.

4 - As paixões do bandeirante.

Os heróis poderosos definem-se pelas paixões tensas da irritação, da raiva ou do ódio que podem levar à revolta ou à vingança. O sujeito revoltado quer fazer mal ao destinador que não cumpriu sua parte no acordo; o vingador procura prejudicar o anti-sujeito, que disputa com ele os mesmos valores.

A história do bandeirante é principalmente uma história de vingança. A busca do índio como objeto de valor propiciou o aparecimento de dois anti-sujeitos do bandeirante, os próprios índios (ou os negros e os holandeses no outro tipo de expedição) e os jesuítas, que também tomavam o índio como objeto de valor. Os atritos com os jesuítas tiveram início sobretudo quando os bandeirantes foram buscar, nas missões, índios já adaptados ao trabalho agrícola. Essas lutas foram, em geral, vencidas pelo herói, mas houve momentos em que os jesuítas armaram e treinaram os índios, e o bandeirante sofreu derrotas.

Esses fracassos levaram o bandeirante à vingança, sempre excessiva, contra aqueles que lhe dificultavam a apropriação do valor almejado.

Os bandeirantes são, então, apresentados como homens violentos e cruéis que, com brutalidade, aprisionaram e mataram índios, arrasaram aldeias e missões. Relatos dos jesuítas contam, por exemplo, que Raposo Tavares, encolerizado, cortava as pernas dos inimigos, rachava meninos em duas partes, abria-lhes as cabeças, não poupava nem mulheres nem crianças.

Um grande problema se apresenta: se o bandeirante tem os traços de competência e de paixão dos heróis fortes e poderosos - a impetuosidade, a irritação, a coragem e mesmo a força física -, sua caracterização passional traz também marcas disfóricas, tais como o "prazer em fazer mal ao outro", a perversidade ou a selvageria que, em princípio, definem o vilão e não o herói.

Para tentar sair do impasse, é preciso examinar as diferentes formas de reconhecimento do herói (ou vilão) bandeirante, nos textos analisados.

5- O bandeirante: herói ou vilão?

Iuri Lotman, em texto bem conhecido sobre os conceitos de vergonha e de medo, partindo da concepção de cultura de Lévi-Strauss como um sistema de limitações impostas ao comportamento natural do ser humano, propõe dois grupos de limitações "psicológicas", o primeiro regido pela vergonha, o segundo, pelo medo. Segundo o autor, as coletividades são governadas pelo medo em relação aos outros, aos diferentes de nós (a "eles"), enquanto a vergonha organiza a sociedade dos iguais (de nós). Há normas que é vergonhoso infringir, outras que são obedecidas por medo.

As qualidades modais do bandeirante, que produzem os efeitos patêmicos mencionados, pertencem ao campo do medo. As acepções dicionarizadas de medo apontam duas configurações modais narrativas: a primeira é a do querer não ser, em relação aos perigos, aos males, a tudo que se quer evitar; a segunda é a da reverência, do respeito e mesmo da obediência em relação a um outro sujeito, de quem o "medroso" teme a sanção negativa, isto é, a configuração do dever-fazer ou do não poder não fazer. (Ver, a respeito, o artigo de José Luiz Fiorin "Algumas considerações sobre o medo e a vergonha". Cruzeiro Semiótico 16, 1992, 57 e 58).

Ora, o bandeirante define-se como um sujeito destemido, possuindo assim características contrárias às do sujeito medroso: não querer não ser (em lugar do querer não ser), não dever não ser e poder não fazer (em lugar da obediências do dever-fazer e do não poder fazer). De um lado, ele não recia os perigos, de outro, infringe certas prescrições, transgride regras estabelecidas. Resultam daí os problemas de reconhecimento e de sanção do herói.

O bandeirante, como os heróis poderosos e fortes, é sancionado positivamente na sua época. Sua coragem, seu destemor são reconhecidos e sua crueldade ou sua violência explicam-se no sistema cultural do medo, no sentido de Lotman, que regulamenta as relações com os "diferentes" (que pertencem a outras etnias, culturas, classes, nacionalidades, etc.). Em outras palavras, o bandeirante só é destemido e violento em relação aos "outros", tais como os índios, os negros, os invasores estrangeiros.

Os destinadores (o governo, os iguais, o "nós") reconhecem então o bandeirante como herói: trouxe escravos para desenvolvimento da capitania e da colônia, descobriu ouro, povoou o interior, assegurou a posse de novas terras, expandiu o território. Além disso, em relação ao sistema da vergonha, o bandeirante fez prova de vergonha de ter medo, o que pode explicar as transgressões e as violências referidas. Os textos mencionam, por exemplo, que "a fama dos paulistas também vai longe", que seus feitos se espalharam.

Resta agora perguntar-se de que modo e por quais razões a História e o imaginário nacional conservaram o herói bandeirante, sobretudo hoje, quando não é mais "politicamente correto" matar índios ou reconhecer como heróis aqueles que o fizeram.

Para isso, é preciso observar que as "qualidades" do bandeirante, aspectualizadas sempre como excessivas, podem ser axiologizadas seja como disfóricas, seja como eufóricas. Trata-se das mesmas qualidades e o que muda é o ponto de vista do observador. O bandeirante será assim:

um bravo

(corajoso, intrépido, valoroso)

um bruto

("sem civilidade, desumano, animalesco, perverso", etc)

valente

(que tem força, que é forte, vigoroso)

violento

(que usa a força, irritadiço)

audacioso, intrépido

(destemido, arrojado, imprudente, atrevido, insolente)

violento, impetuoso

(incapaz de conter-se, furioso)

As mesmas categorias semânticas - transgressão das regras, força, coragem e impetuosidade - podem ser consideradas ora como defeitos, ora como qualidades e caracterizar tanto o vilão, quanto o herói. O bandeirante será, conseqüentemente, herói ou vilão, conforme variem os textos e as épocas.

Os livros escolares de História do Brasil conservaram até os anos sessenta a sanção positiva que o bandeirante recebeu na sua época. Nesses textos, o bandeirante é, portanto, reconhecido como herói e mesmo considerado como o grande herói paulista, o antepassado de quem herdamos os traços de coragem, de perseverança, de luta, de "pensar grande", que caracterizam São Paulo. Desse reconhecimento resultam as homenagens prestadas ao herói bandeirante:

- a) muitas das principais estradas e ruas de São Paulo (e também de outros lugares do país) têm nomes de bandeirantes - Bandeirante, Fernão Dias, Raposo Tavares, Anhangüera - e lembram que o bandeirante abriu "caminhos para o interior";

- b) estátuas e monumentos, entre as quais merecem destaque o Monumento às bandeiras, de V. Brecheret, monumento-símbolo de São Paulo, localizado no Parque do Ibirapuera; e a estátua "kitsch" de Borba Gato, em Santo Amaro. Voltaremos a esses monumentos quando examinarmos a representação visual do bandeirante;
- c) o segmento feminino do escotismo é chamado "bandeirante";
- d) várias escolas recebem nomes de bandeirantes;
- e) o avião de fabricação brasileira, que percorre o interior, é o bandeirante;
- f) muitos poemas foram escritos sobre os feitos dos bandeirantes, entre os quais é preciso destacar Martim Cererê, de Cassiano Ricardo (1928), uma espécie de epopéia do Brasil, da "infância à maturidade", e, principalmente, do bandeirante.

E como o Marinheiro Ihe houvesse
trazido a noite a Uiara casou com ele;
então... nasceram os Gigantes de botas.
Vermelhos, pretos e brancos; de todas as
cores.
Que sururucaram no mato..
E que foram fazer uma coisa e fizeram outra.

Para construir a epopéia das bandeiras, o poeta utiliza dois recursos narrativos: o da mudança de objeto e o do deslocamento do anti-sujeito. A mudança de objeto está já enfatizada no verso acima: " E que foram fazer uma coisa e fizeram outra". O poema "Metamorfose" esclarece melhor a questão:

Meu avô foi buscar prata
mas a prata virou índio.

Meu avô foi buscar índio
mas o índio virou ouro.

Meu avô foi buscar ouro
mas o ouro virou terra.

Meu avô foi buscar terra
e a terra virou fronteira.

Meu avô, ainda intrigado,

foi modelar a fronteira:

E o Brasil tomou forma de harpa.

Há, portanto, mudança de objeto: o índio capturado e aprisionado é substituído por fronteiras alargadas, território aumentado, interior povoado.

Da mesma forma, o anti-sujeito não é mais o índio ou o jesuíta, e sim o Sertão, que provoca o herói, que desperta sua curiosidade e sua coragem, "trancando a passagem" e dizendo: "aqui ninguém entra, quem manda sou eu". No poema "Tropel de Gigantes", Cassiano Ricardo descreve a luta entre o Sertão "do Nunca Dantes" e os "Gigantes de botas". A epopéia do bandeirante é comparada à dos grandes navegantes portugueses, tal como a concebeu Camões (Sertão do "Nunca Dantes"); à de Ulisses e às mitologias (Borba Gato é aproximado de Jasão); à das cruzadas (o Cruzado do Sul os guia); aos contos de fadas em que há botas mágicas. O bandeirante é um herói tão fantástico que "deixa o historiador tonto"...

O poeta aponta enfim o caráter ambíguo do bandeirante, herói e bandido, e destaca seu heroísmo ao explicar que o bandeirante só é bandido para os "do lado de lá":

"Serás também herói e bandido ao mesmo tempo, quando chegares à fronteira; herói para o lado de cá, bandido para o lado de lá". (p 122)

"O espanhol, o jesuíta, os do outro lado
quanta vez o chamaram de bandido!
Outros o tinham como herói, apenas".
(p 187-188)

"Pois quem caminha e leva uma fronteira
nos próprios pés, caminha dividido:
de um lado é herói, do outro é bandido".
(p 188)

Os textos mais recentes examinados recuperam essa ambigüidade do herói-bandido. Para tanto, tais textos empregam sobretudo adversativas e, conforme a ordem dos enunciados, há predominância das qualidades heróicas ou da vilania. Os textos indicam as duas possibilidades que seguem:

1ª: negação do herói (seguida ou não da afirmação do vilão): tais textos, após apontarem o papel dos bandeirantes na história do país, pois eles aumentaram o território e descobriram ouro, empregam um no entanto que introduz o argumento contrário, ou seja, que eles capturaram e mataram índios:

"Os bandeirantes modificaram profundamente o Brasil, no aspecto geográfico, descobriram ouro e pedras preciosas, dando início a uma nova etapa de nossa História... No entanto, ao lado desses aspectos positivos das realizações dos bandeirantes há outro resultado que foi negativo: eles invadiram aldeias indígenas e missões, matando grande parte de seus habitantes e escravizando um número enorme de índios".

2ª negação do vilão (seguida, em geral, da afirmação do herói): esses textos contam que os bandeirantes escravizaram e mataram índios, para, em seguida, utilizarem um mas que inverte a argumentação: "mas realizaram importante reconhecimento dos caminhos do sertão": mas trouxeram a "prosperidade geral da colônia"; mas derrubaram na prática o Tratado de Tordesilhas; mas deram início ao ciclo do ouro e dos diamantes da economia brasileira. Nesses textos, o heroísmo do bandeirante é ressaltado por dois procedimentos: os títulos dos capítulos ou itens sobre o bandeirante, tais como "A conquista do interior", "As bandeiras e a conquista do sertão", "A expansão territorial", "A colônia cresce e aparece. São Paulo: porta de entrada para os sertões"; o caráter difícil da ação realizada:

"Partiram de São Paulo 1200 homens, dos quais só regressariam 58".

"(...) a bandeira percorreu a desconhecida região do atual estado de Minas Gerais, enfrentando a mata fechada, índios, animais ferozes, febres a aguaceiros".

6 - O herói figurativizado

No nível discursivo, os dois grandes temas dos textos examinados são o da expansão territorial e o da descoberta e conquista do desconhecido, que repousam sobre as categorias modais do poder (vs não-poder) e do saber (vs não-saber).

A figurativização dos temas é sobretudo espacial.

A verticalidade, própria dos heróis poderosos e fortes, é uma das figuras principais. O bandeirante é, em geral, representado metonimicamente pelas botas de cano alto e pelo trabuco, e sempre em pé. São frequentes, nos textos, os termos "crescer", "aparecer", "gigante". Podem-se estabelecer relações intertextuais com "gigante pela própria natureza", do Hino Nacional, ou com "São Paulo que não para de crescer". O bom exemplo dessa verticalidade desmesurada é, sem dúvida, a estátua de Borba Gato, em Santo Amaro. Criada por Júlio Guerra em 1962, ela mede doze metros de altura e pesa quarenta toneladas, sendo popularmente denominada "monstramento".

Por sua vez, o tema epistêmico da descoberta do desconhecido é figurativizado pelos traços espaciais da horizontalidade e da profundidade: são as grandes distâncias que só os "gigantes de botas" podem percorrer; as florestas fechadas a penetrar; os rios que correm para o sertão; os caminhos que se abrem; as fronteiras que se desenham. O exemplo privilegiado é o Monumento às bandeiras, de V. Brecheret, iniciado nos anos trinta e inaugurado em 1953. Esse belo monumento, símbolo de São Paulo, é conhecido popularmente pelo apelido de "empurra-empurra", devido a seu movimento para a frente.

Deve-se observar, para terminar, que, se a figurativização é principalmente espacial, em qualquer de suas dimensões, vertical, horizontal ou em profundidade, ela é sempre desmesurada. As dimensões desmedidas figurativizam o traço mais característico desse subtipo de herói poderoso, a aspectualização pelo excesso.

Excessivo em suas ações e paixões, representado por dimensões desmesuradas, assim os livros escolares de História do Brasil constróem discursivamente o bandeirante, herói-bandido.